

Paraná, Edemilson. Intervenção na mesa redonda “**2020: o presente e o futuro da sociologia na Universidade de Brasília**”. Série de eventos comemorativos dos 50 anos do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UnB. Ao vivo pelo Youtube, 21 out. 2020.

Boa noite a todos e todas,

Saudações aos meus colegas de mesa,

Quando a professora Haydeé Caruso me convidou para essa mesa, ela sugeriu que eu falasse um pouco de minha trajetória como pesquisador, particularmente sobre a importância do Programa de Pós-graduação em Sociologia na sua construção e, por fim, sobre o futuro e o presente do campo de investigação no qual se encontra inserida minha agenda de pesquisa. Buscarei, ao meu modo, amarrar esses diferentes aspectos nessa apresentação no tempo e formato restrito de que dispomos – deixando claro, desde já, que, por conta disso, muita coisa que julgo importante será deixada de fora.

Antes, no entanto, me parece fundamental lembrar as pessoas que foram e têm sido essenciais neste caminho, pessoas que encontrei não só neste programa, mas também na UnB, uma universidade pela qual tenho um carinho enorme.

Sendo assim, no que nos diz respeito mais especificamente, gostaria de começar demonstrando a minha dívida e gratidão, primeiro, ao meu orientador de mestrado e doutorado, o prof. Michelangelo Trigueiro, à profa. do Departamento de Economia Maria de Lourdes Mollo, interlocutora e coorientadora de doutorado, ao professor Alfredo Saad Filho, do Kings College, meu tutor durante o período sanduíche, e também à profa. Fernanda Sobral, ainda atuante neste programa, e ao professor Brasilmar Ferreira Nunes, *in memoriam*, a quem dedico essa apresentação. Todos eles, além de mestres, se tornaram amigos. Agradeço também pelos diálogos aos profs. Sadi Dal Rosso e Fabricio Monteiro Neves e pelo incentivo sempre generoso dos profs. Artur Trindade e Ana Colares. Meu abraço também nos brilhantes parceiros de pesquisa Alexandre Pimenta e Lucas Trindade, este último hoje colega professor na UFRN.

Indo direto à provocação trazida pelo convite, creio que, sob inúmeros aspectos, minha trajetória pessoal e de pesquisa seja um tanto inusitada. Primeiro porque sou comunicólogo e jornalista de formação, profissão em que atuei, por um tempo, como repórter e assessor de imprensa em Brasília, em parte enquanto cursava a pós-graduação. Confesso que, pelo menos até meados do mestrado, nunca havia me imaginado a sério

como acadêmico ou professor universitário. Abarrotado por uma paixão ou chamado que, como sempre é o caso, não se planeja, resolvi, então, apostar na trajetória acadêmica. Interessa menos, claro, as vicissitudes pessoais disso tudo, que não foram poucas. Menciono esse fato aqui apenas porque percebo retrospectivamente que ele me legou à época duas inseguranças que logo assumi como desafios e, por fim, apostas conscientes de trabalho que seriam fundamentais na construção de minha formação e meu trabalho nos anos em que estive neste programa de pós-graduação: a primeira delas é a interdisciplinaridade, a segunda a atenção às dinâmicas macrossociais ou, caso se queira, estruturais-sistêmicas. É basicamente em torno desses dois eixos, então, que vou tentar pensar meus trabalhos mais importantes, como eles se relacionam com um campo de estudos mais amplo no Brasil e no mundo e de que modo isso se conecta ao que vivi aqui, neste programa.

Minha dissertação de mestrado inicia uma linha de investigação que acabou desdobrada, como alguns sabem, em minha tese de doutorado.

Essa aposta poderia ser resumida, com alguma simplificação, da seguinte forma: uma tentativa de análise das transformações socioeconômicas a partir da investigação do encontro complexo entre finanças e tecnologia, dando atenção a fatores subjetivos, mas, sobretudo, objetivos dessa dinâmica na conjuntura presente. No primeiro caso, o mestrado, isso se materializou na pesquisa do que vim a chamar de Finança Digitalizada, simplificadamente, o processo de digitalização dos mercados de capitais. No segundo, o doutorado, a partir das criptomoedas em geral e do Bitcoin em particular, busquei refletir a digitalização da moeda e a transformação do dinheiro no capitalismo contemporâneo. Investigações, portanto, que enquadram a fronteira tecnológica no encontro entre finanças e sociedade.

Em ambos os casos, o pano de fundo dessa reflexão sobre a digitalização da economia é, então, o casamento entre capitalismo financeiro, de um lado, e revolução informacional, de outro – aqui pensada a partir do avanço de tecnologias cognitivas (aquelas que atuam na reconfiguração das dinâmicas tempo-espaço) e, a partir delas, em especial, as inovações financeiras. Há, defendendo, seguindo uma extensa literatura na área, afinidades estruturais entre o desenvolvimento das Tecnologias da Informação e da Comunicação (as TIC) e o processo de integração, liberalização e abertura dos mercados em nível global. O desenvolvimento das TIC acelera, intensifica e dá base tecno-material às dinâmicas de reestruturação e transnacionalização da produção, de financeirização e de

neoliberalização, que avançam com maior intensidade a partir das décadas de 1970 e 1980. Daí que, por fim, financeirização e plataformização podem nos aparecer como fenômenos ou processos “gêmeos”, interconectados umbilicalmente. Demonstro que, neste ciclo, o setor financeiro esteve na vanguarda das aplicações tecnológicas de ponta, incluídas as algorítmicas – que, por exemplo, já estavam antecipadas em Wall Street em quase duas décadas em relação ao Vale do Silício. Não terei tempo, é claro, para me delongar nessa discussão aqui, seus significados, definições, polêmicas, pressupostos e consequências.

Interessa apenas apontar, novamente, que desse modo enquadrado trata-se de objetos que pedem necessariamente um esforço investigativo multidimensional (que equacione a um só tempo Economia, Política e Sociedade) e, portanto, interdisciplinar (trazendo à campo ferramentas da Economia Política, da Sociologia Econômica, Teoria Social, Sociologia da Ciência e Tecnologia, mas também da Filosofia, do Direito e da Ciência Política). Esse é o primeiro desafio posto ao pesquisador, mas também ao próprio campo. O segundo tem a ver com a insuficiência das ferramentas teórico-metodológicas comumente mobilizadas pelas abordagens que, a partir das décadas 80 e 90, vem se tornando hegemônicas nas subdisciplinas da Sociologia da Tecnologia e da Sociologia Econômica, ou seja, estudos micro interacionais, locais e localizados de redes, constelações, configurações, controvérsias e processos sociotécnicos e econômicos. Falar, então, no quadro dessa nova conjuntura teórico-ideológica, em macrodefinições como “capitalismo”, “financeirização”, “neoliberalismo” não deixa de soar um tanto fora de lugar neste campo, é preciso reconhecer. É, no entanto, precisamente isso que tenho feito – o que tem produzido uma repercussão certamente singela, porém muito maior do que pude prever, seja em termos de citações inesperadas, premiações, convites, parcerias e publicações dentro e fora do país.

Naturalmente, estou, desse modo, buscando elaborar em cima de uma tradição teórica extremamente rica e fecunda, com forte conteúdo empírico e valor heurístico, mas que acabou marginalizada ou negligenciada por uma série de fatores, inclusive a ignorância sistemática, nos últimos anos. Pensemos, para começar, na riquíssima fortuna crítica da sociologia do desenvolvimento latino-americana elaborando questões em torno do subdesenvolvimento e de dependência: de nomes como Florestan Fernandes, Octávio Ianni, Chico de Oliveira, Celso Furtado, Milton Santos, Ruy Mauro Marini, Theotônio dos Santos, os dois últimos tendo passado eles mesmos por este Instituto. Saindo de nossa

América, podemos falar da sociologia dos processos de trabalho, com Harry Braverman, Michael Burawoy, ou mesmo de outras contribuições importantes da tradição anglo-saxônica como as de Eric Ollin Wright, Immanuel Wallerstein, Goran Therborn e mesmo dos teóricos da globalização como Richard Sennet, Saskia Sassen, entre outros. Não ficaria para trás a tradição da sociologia industrial alemã, que remonta à pesquisadores do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt e seus sucessores como Friedrich Pollock, Claus Offe e Wolfgang Streeck, hoje sucedidos por jovens pesquisadores no Instituto Max Plank de Colônia. Não podemos nos esquecer ainda da tradição francesa que produziu contribuições fundamentais nas sociologias industrial e dos processos de trabalho em um diálogo profícuo com a Teoria da Regulação – pensemos em Benjamin Coriat, Jean Lojkine, mas também nos próprios regulacionistas como Lipietz, Boyer, Aglietta, Orlean ou mesmo, no campo marxista, em Suzanne de Brunhoff, François Chesnais, Gerard Dumenil e Dominique Levy, entre tantos outros.

Em todos esses casos, como mencionado anteriormente, estabelece-se um diálogo profícuo entre a sociologia, a economia heterodoxa e a economia política, voltada para questões estruturais, macrossociais, do trabalho e da produção, das macro-finanças, e não apenas do mercado (como passaria a privilegiar a Sociologia Econômica a partir das décadas de 80 em diante – como se pensar socialmente a economia fosse enquadrar centralmente, em suas combinações diversas, a interação ramificada entre agentes, instituições e mercados, particularmente em topologia microssociológica).

Há, portanto, algo novo acontecendo neste campo, é preciso que se diga. E não se trata apenas, naturalmente, como querem alguns críticos, de uma retomada anacrônica de velhos cânones, do resgate de “dinossauros” já definitivamente extintos de nosso ambiente. É que problemas emergentes pedem novas explicações que não podem ser oferecidas por abordagens que se negam a encarar a economia como fenômeno social cujas ontologias tocam processos constituídos em dimensões tais que não podem ser bem compreendidos senão por meio de novas topologias analíticas estruturais ou macro-sistêmicas.

O aumento expressivo da desigualdade, a automação e o avanço do desemprego estrutural-tecnológico, o baixo crescimento econômico e a crise global persistente combinada a novas tensões políticas e geopolíticas, a recomposição estrutural das economias são processos que nunca deixaram de ser tematizados, mas que voltam à cena agora, de modo renovado, conforme prova também, creio eu, sem querer implica-lo nessa

minha posição, o trabalho do Pedro Souza. Reavalia-se à luz disso o valor heurístico de estudos que, de maneira pioneira, apontaram tendências – como a da financeirização da vida econômica – que só fizeram se aprofundar, a despeito de terem sido consideradas por demais generalizantes, universalizantes ou objetivistas à época em que foram produzidos. Destaque, novamente, em outra via, para os novos estudos sobre a desigualdade cujo trabalho do Pedro, como eu disse, nos brinda com um belo exemplo. A Sociologia Econômica Europeia, para citar outro exemplo importante, não tem se furtado a pensar o bloco do Euro e seus problemas estruturais, as políticas de austeridade em sentido amplo, sua crise sistêmica; algo análogo tem sido feito no Reino Unido. Na América-Latina, um balanço crítico das experiências políticas recentes vem demandando o resgate e reconstrução de abordagens, categorias e conceitos antes abandonados. Por toda a parte, no pós-crise de 2008, pesquisadores tem se desafiado a compreender processos globais como a uberização do trabalho, a plataformização da economia, as dinâmicas globais dos mercados, entre outros.

Vai ficando evidente, em suma, e de um novo modo, que a economia (e mais especificamente, a macroeconomia – e esse talvez seja o ponto fundamental aqui) é importante demais para ser deixada apenas aos economistas. Uma busca tal que, na via de uma leitura substantiva do processo econômico, aproxima, ou melhor reaproxima, a Sociologia Econômica da Economia Política – algo que vinha sendo rechaçado, como eu disse, até pouco tempo. Convencido que estou, ao menos por ora, dessa trilha, gosto de pensar que faço parte dessa nova tendência na área, a despeito do preço que sempre se paga pelas escolhas teóricas que fazemos. No meu caso, a principal, talvez, seja ser acusado, na economia, de fazer sociologia e, na sociologia, de fazer economia, com todas as dificuldades institucionais que isso impõe.

E quando eu digo reaproxima remeto também, é claro, aos clássicos da disciplina, para os quais a relação entre Economia e Sociedade ocupa, desde o início, o centro das atenções. Falo de Marx, Simmel, Weber, Durkheim, entre outros. Falar da reconstrução da relação entre Sociologia Econômica e Economia Política, Sociologia da Tecnologia e Teoria Social é abandonar de uma vez por todas uma certa iconoclastia juvenil, eivada de pendores neo-militantistas e anarcóides, frente aos clássicos da Sociologia, algo que teima em se fazer presente em nossos programas de pós-graduação. Quando estudante, devo dizer, nunca fui capturado por essa tendência tão popular entre nós. Vindo da comunicação social, um campo disciplinar teoricamente fluído e fragmentado, construído

tardiamente, já em tempos anti-teóricos, e conhecendo os desdobramentos deletérios dessa realidade, fiz do estudo da teoria sociológica uma das prioridades de minha formação – podendo contar, neste programa, com excelentes professores. De lá pra cá, e agora também como professor, fiz apenas reforçar a clareza quanto à importância disso.

Outra tendência ainda presente em nossa disciplina, essa ainda mais anacrônica, é a de um disciplinarismo burocratizante e corporativista. A junção de disciplinarismo com comportamento anti-teórico, que teima em continuar existindo entre nós, me parece ainda mais contraditória. Isso porque encarar a sério a complexidade dos objetos que mencionei é incentivar intelectual e institucionalmente a fecundação múltipla entre as distintas áreas e disciplinas, a formação cruzada e complementar em campos diversos do conhecimento e não, ao contrário, fechar – repito: intelectual e institucionalmente – a sociologia em si mesma, seja em seus debates, eventos, produções e seleções para postos diversos na área – tão mais em um momento em que se expandiram, nos últimos anos, os espaços de formação e diálogo da disciplina. O fato de inúmeros dos excelentes professores desse departamento não terem licenciatura, nem mesmo graduação em sociologia ou ciências sociais, prova meu ponto. Não apenas este programa mas também as sociologias brasileira e mundial como um todo estão povoadas de exemplos de grandes professores, em qualquer nível de ensino, e pesquisadores que vieram, inicialmente, de outras áreas como a comunicação, o direito, a economia, a filosofia e até as engenharias, como é o caso de meu ex-orientador. A sociedade pede de nós, ademais, penso eu, essa coerência entre discurso e prática.

Aqui, neste PPG, encontrei um programa de formação sólido porque, em certa medida, aberto e plural – aberto e plural a ponto de deixar fazer e abrir espaço para um trabalho em chave distinta das modas teórico-intelectuais vigentes, em perspectiva algumas vezes considerada desimportante ou ultrapassada. Neste ambiente, pude enrobustecer, então, em meio a contraditórios os mais variados, a clareza quanto a um caminho de investigação sobre o qual pesavam, então, muitas incertezas, como sempre é o caso. Aqui, em meio a tal pluralismo, pude trabalhar com a tradição de uma linha forte de investigação quanto à Ciência e a Tecnologia e aqui, junto de excelentes professores e colegas estudantes, pude avançar com rigor em minha formação teórico-metodológica.

Apreço e atenção ao debate teórico clássico e contemporâneo – os barômetros de nossas discussões –; multidisciplinaridade e abertura intelectual e institucional à construção interdisciplinar; atenção, mais particularmente, à inseparabilidade, em dimensões

diversas, entre economia, tecnologia e sociedade e, por fim; disposição para pesquisar e pensar criticamente em linha com aquilo que se apresenta como necessário socialmente – seja isso diretamente responsivo ou não às tendências teóricas dominantes do momento – foram alguns dos aspectos e dimensões que aqui pude aprender, explorar, repensar e reelaborar para a construção de uma trajetória intelectual que apenas começa e cuja pertinência apenas o teste do tempo poderá verificar. Agradeço de coração aos amigos e amigas do SOL que me deram a oportunidade desses anos e, também, à atual direção do Programa pelo convite para estar hoje nessa mesa comemorativa. Parabéns ao programa pelos seus 50 anos!